

## Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 04/12/2015

- [Mulheres brasileiras têm menos de dois filhos em média](#)
- [OMS alerta para morte de 303 mil mulheres durante o parto por ano](#)
- [Novo protocolo em PE muda de 33 para 32 cm medida de microcefalia](#)
- [País reduz maternidade na adolescência, aponta IBGE](#)
- [Brasil tem 44,3% das crianças com até 14 anos vivendo sem esgoto em casa](#)

**Assunto: Mulheres brasileiras têm menos de dois filhos em média**

**Fonte: Agência Brasil EBC**

**Data: 04/12/2015**



Na década passada, as mulheres do país tinham em média 2,14 filhos – número que caiu para 1,74 em 2014. Arquivo/Agência Brasil

A taxa de fecundidade da população brasileira registrou queda de 18,6% entre os anos de 2004 e 2014, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados divulgados hoje (4) fazem parte da Síntese de Indicadores Sociais, que usa

números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad).

Na década passada, as mulheres do país tinham em média 2,14 filhos, número que caiu para 1,74 em 2014.

Com a queda na taxa de fecundidade, o Brasil fica abaixo do chamado "nível de reposição", de 2,1 filhos por mulher. A pesquisadora Cíntia Simões explica que, no longo prazo, isso significa que a população tende a ficar menor.

"Termos a taxa de fecundidade abaixo do nível de reposição significa que está tendendo a diminuir a população brasileira ao longo do tempo. Por que já não está diminuindo, se já está abaixo do nível há quase uma década? Porque existe um conceito chamado inércia populacional. A gente ainda tem muitas mulheres em idade reprodutiva como resultado da fecundidade passada que era alta. Mas a tendência é que a população diminua antes de 2060", disse.

A queda na taxa de fecundidade se deu em todas as regiões brasileiras. No Norte, onde a taxa é maior, o indicador passou de 2,84 para 2,16 filhos por mulher. Já no Sul do país, a taxa de fecundidade chegou a 1,60 filho por mulher.

### **Faixa etária**

Segundo a pesquisa, as mulheres que respondem pela maior parte da fecundidade são as de 20 a 24 anos, com 26,5% do total da fecundidade do país. Nesse grupo, há uma taxa de 91,9 filhos para cada mil mulheres.

O IBGE destaca que as jovens de 15 a 19 anos tiveram uma queda na taxa de fecundidade no período estudado, de 78,8 para 60,5 filhos por mil mulheres. A participação delas na fecundidade total é de 17,4%.

O número é considerado alto se comparado a regiões mais desenvolvidas, como a Europa, onde a taxa de fecundidade está em 16,2 filhos nascidos vivos para cada mil mulheres de 15 a 19 anos.

O maior percentual de jovens com filhos está no Nordeste (35,8%) e, segundo a pesquisa, a maior parte dessas mulheres era preta ou parda (69%) e não estudava (59,7%).

**Assunto: OMS alerta para morte de 303 mil mulheres durante o parto por ano**

**Fonte: Portal G1**

**Data: 04/12/2015**



Organização lançou guia com orientação para prevenir complicações. OMS também chamou atenção para 2,6 milhões de bebês.

Das 130 milhões de mulheres que dão à luz no mundo todos os anos, 303 mil morrem durante o parto, a maioria em países em desenvolvimento, alertou nesta sexta-feira a Organização Mundial da Saúde (OMS).

O órgão também chamou a atenção para o fato de que 2,6 milhões de bebês já nascem mortos todos os anos e outros 2,7 milhões de recém-nascidos morrem nos primeiros 28 dias de vida. Segundo a OMS, grande parte das mortes de mães e recém-nascidos ocorre nas 24 horas seguintes ao parto e a maioria é evitável.



**OMS alertou para quantidade de mortes no parto: são 303 mil mortes por ano**

A entidade internacional lançou, nesta sexta-feira (4), um novo guia que evidencia as principais complicações que podem aparecer e causar a morte da mãe ou do bebê, como hemorragias pós-parto e pré-eclâmpsia. O objetivo é ajudar os profissionais da saúde a seguir "cuidados essenciais e padronizados" de cada parto, e assim evitar este tipo de morte.

O manual destaca quatro momentos em que o funcionário deve ter a certeza de que "tudo está em ordem": quando a mãe dá entrada no hospital, antes do início do parto, ao longo da hora seguinte ao nascimento, e na hora anterior a mãe e bebê receberem alta.

Segundo a OMS, estes são momentos decisivos para que o trabalhador possa perceber e agir perante qualquer complicação durante o processo.

**Assunto: Novo protocolo em PE muda de 33 para 32 cm medida de microcefalia**

**Fonte:** Portal G1 PE

**Data:** 04/12/2015



Dos 646 casos notificados, apenas 211 atendem ao critério da OMS. Secretaria de Saúde admite 'sensibilidade', mas diz que não houve erro.

A partir desta quinta-feira (3), só serão considerados como microcéfalos em Pernambuco os bebês que tenham perímetro cefálico igual ou inferior a 32 centímetros -- e não mais 33 cm. Em novo protocolo finalizado na quarta-feira (2), o estado decidiu adotar os parâmetros definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O protocolo também determina que as mães que apresentarem manchas vermelhas pelo corpo (exantema) durante a gestação devem procurar a Secretaria Estadual de Saúde (SES) para que o caso seja notificado.

"Não houve diagnóstico errado. Era preciso, no primeiro momento, pegar tudo e, a partir dali, a gente começar a fazer a triagem. Em alguns desses casos o bebê pode ter a cabeça normal, com 33 cm, e dentro, um cérebro com alterações", afirmou Luciana Albuquerque, secretária executiva de Vigilância em Saúde/PE. "Antes erámos mais sensíveis, era importante porque era algo desconhecido, não sabíamos com o que estávamos lidando", reconhece.



Luciana explicou que o limite de 33 cm era usado no estado porque alguns profissionais percebiam alterações tomográficas. Segundo ela, a experiência acumulada gerou o entendimento de que é preciso ser mais específico e atender aos critérios da OMS. "O importante nisso tudo é dizer que vamos garantir todo o

atendimento das crianças que já foram notificadas até hoje na nossa rede de referência", assegurou.

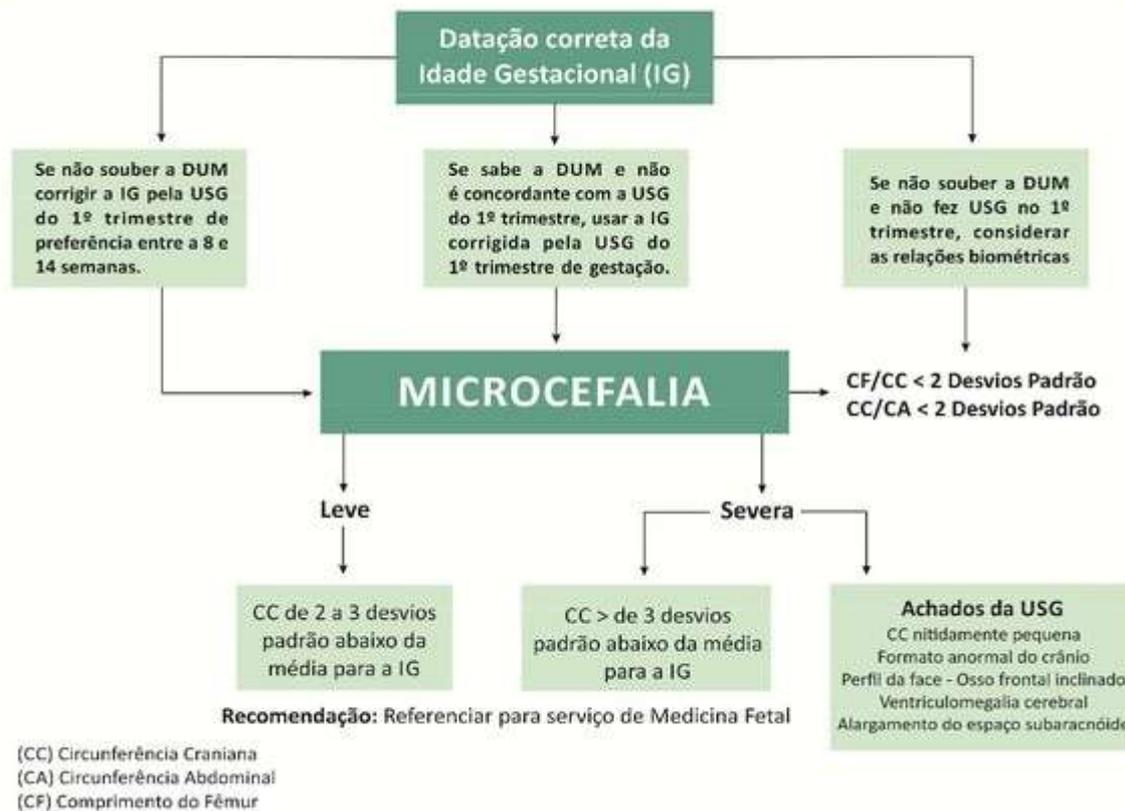
Até o último sábado (28), o Ministério da Saúde confirmou 1.248 casos suspeitos de microcefalia em 13 estados e no Distrito Federal. Pernambuco é o estado brasileiro com maior número de casos suspeitos -- até agora, foram 646 notificações. O número já representa crescimento em relação ao último levantamento, divulgado no dia 24 de novembro, em que foram contabilizados 487 casos em PE.

Luciana Albuquerque explicou que, dos 646 casos notificados, apenas 211 atendem esse critério da OMS. "De fato o número é bem maior se comparar com os que cabem entre os critérios da OMS. Mas esse novo protocolo não altera os dados já divulgados. Esses bebês serão acompanhados pela nossa rede, porém os que vamos considerar com microcefalia de agora em diante são os que tem 32 centímetros ou menos. O número de 646 não será

descartado porque serão avaliados", disse. Segundo ela, os bebês com perímetro cefálico de 33 cm não são considerados pela OMS com microcefalia, mas podem apresentar algum problema clínico ou no exame de imagem. Serão descartados os que não apresentarem nenhuma alteração

Ainda de acordo com o documento, as manchas vermelhas no corpo das gestantes não indicam, necessariamente, a condição de microcefalia nos fetos, mas já foi observado em mães de recém-nascidos com a alteração congênita e deve ser considerado como um sinal de alerta para a gestante.

De acordo com o Protocolo Clínico e Epidemiológico de Microcefalia, as notificações serão, a partir de agora, para bebês com perímetro cefálico menor ou igual a 32 cm, no caso de recém-nascidos, e para fetos que apresentem circunferência craniana com dois desvios padrão abaixo da média para a idade gestacional. Anteriormente, a notificação era feita após detecção de crianças recém-nascidas com perímetro cefálico menor ou igual a 33cm.



Fonte: Protocolo Medicina Fetal: Cisam /UPE – Prof. Pedro Pires

### Novo protocolo de microcefalia em Pernambuco estabelece detalhes sobre atendimento de mães e bebês

O documento tem o objetivo de estabelecer critérios para detecção e modificação de quadros de microcefalia em fetos e recém-nascidos no Estado de Pernambuco, além de definir fluxo e orientações adequados para o diagnóstico, assistência e vigilância de gestantes e de bebês microcéfalos.

A alteração do padrão de ocorrência dos registros de microcefalia em bebês em Pernambuco nos últimos cinco anos, registrada pelo Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (Sinasc) da SES, foi uma das principais motivações para a criação do documento. De 2011 a 2015,

sobretudo entre os meses de agosto e setembro desse ano, o registro de nascimento de bebês microcéfalos apresentou características acima do padrão dos anos anteriores. Para a SES, a ocorrência pode ser justificada por motivos como infecções congênitas transmitidas da mãe para o bebê ou por causas não-infecciosas, transmitidas no primeiro trimestre da gravidez.

Ainda não há informação de que parâmetro o Ministério da Saúde estava utilizando sobre a microcefalia e se outros estados vão aderir ao novo protocolo já considerado em Pernambuco. O Ministério da Saúde já foi procurado pelo **GI**, que ainda não obteve resposta.

**Assunto: País reduz maternidade na adolescência, aponta IBGE**

**Fonte: Jornal do Comércio de PE**

**Data: 04/12/2015**

**jornal do  commercio**

A participação dessas mães adolescentes na fecundidade total do País caiu de 18,4% para 17,4% em dez anos.



**Em 2004, o Brasil contabilizava 78,8 filhos nascidos vivos a cada mil mulheres de 15 a 19 anos**

A participação de jovens na fecundidade do País vem diminuindo, mas a maternidade na adolescência permanece alta para padrões internacionais. Em 2004, o Brasil contabilizava 78,8 filhos nascidos vivos a cada mil mulheres de 15 a 19 anos. Em 2014, a cada grupo de mil jovens dessa idade respondia por 60,5 filhos, de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais 2015 divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nesta sexta-feira (4). A participação dessas mães adolescentes na fecundidade total do País caiu de 18,4% para 17,4% em dez anos.

"A fecundidade entre as jovens de 15 a 19 anos ainda se manteve bastante elevada. O resultado é compatível com outros países da América Latina, mas ainda é muito superior ao de outros países mais desenvolvidos", avaliou Cíntia Simões Agostinho, pesquisadora da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE.

O perfil da maternidade na adolescência está relacionado a pouca escolarização e baixa inserção no mercado de trabalho. A mãe adolescente é predominantemente preta ou parda (69% das meninas com filho), não completou o ensino médio (85,4%), se dedica a afazeres domésticos (92,5%) e não estuda nem trabalha (59,7%).

"Quando a mulher tem filho muito jovem, isso influencia nos indicadores. As que não tinham filhos eram mais escolarizadas", apontou Cíntia.

A taxa de fecundidade como um todo no País vem diminuindo ao longo dos anos. Em 2014, essa taxa era de 1,74 filho por mulher, contra 2,14 filhos em 2004, uma queda de 18,6% em dez anos. Os únicos Estados com taxa de fecundidade acima da reposição populacional do País (de 2,10 filhos por mulher) foram Acre (2,52 filhos por mulher), Amapá (2,34), Amazonas (2,32), Roraima (2,27), Maranhão (2,22) e Pará (2,15).

A redução na taxa de fecundidade resulta no encolhimento na fatia de jovens na população. A proporção de jovens de 0 a 14 anos diminuiu de 22,3% em 2013 para 21,6% em 2014. Ao mesmo tempo, a população de 60 anos ou mais aumentou de 13,1% em 2013 para 13,7% em 2014.

Em 2030, a faixa etária mais jovem somará 17,6% da população, enquanto a mais velha responderá por 18,6%. Em 2060, a tendência se acentuará: os mais jovens, de 0 a 14 anos, serão apenas 13,0% da população, enquanto os mais velhos, de 60 anos ou mais, serão 33,7%, mais de um terço do total de brasileiros, de acordo com as projeções feitas pelo IBGE.

**Assunto: Brasil tem 44,3% das crianças com até 14 anos vivendo sem esgoto em casa**

**Fonte:** Diário de PE

**Data:** 04/12/2015



Quase metade das crianças brasileiras nessa faixa etária vive em condição de maior exposição ao risco de doenças.

O Brasil ainda tem 44,3% das crianças e adolescentes até 14 anos de idade crescendo em residências sem esgotamento sanitário ou fossa séptica. Ou seja, quase metade das crianças brasileiras nessa faixa etária vive em condição de maior exposição ao risco de doenças, segundo a Síntese de Indicadores Sociais 2015 divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nesta sexta-feira, 4.

O abastecimento de água de rede não chega a 18% das crianças de 0 a 14 anos, enquanto a coleta de lixo ainda não atende a 13,6% delas. O total de crianças e adolescentes dessa idade que vivem sob as três formas de saneamento inadequado simultaneamente - sem esgoto, sem água nem coleta de lixo - é de 9,6%, segundo os dados apurados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2014.

De acordo com o IBGE, quando as três formas de saneamento (água, esgoto e lixo) são inadequadas no domicílio, há maior exposição dos moradores ao risco de doenças, especialmente as crianças. "Ainda há uma quantidade bastante alta de crianças expostas a essas condições inadequadas no domicílio", disse Cintia Simões Agostinho, pesquisadora da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE.

Em relação ao ano anterior, houve ligeiro avanço nas condições de saneamento no total do País. Mas alguns Estados registraram piora. No Maranhão, a proporção de crianças dessa idade em domicílios sem esgoto sanitário passou de 91,2% em 2013 para 92,3% em 2014.

Outros Estados com alta incidência de crianças vivendo sob essas condições foram Piauí (93,8%), Pará (91,3%) e Amapá (89,6%). São Paulo registrou a menor ocorrência de crianças nessas condições, mas houve aumento significativo no período de um ano: a fatia de 7,6% de crianças de 0 a 14 anos sem esgoto em 2013 subiu para 10,0% em 2014.

Segundo a pesquisa, o Brasil tinha ainda 1,8 milhão de domicílios particulares sem banheiro ou sanitário de uso exclusivo em 2014: 634 mil em áreas urbanas e 1,2 milhão em áreas rurais. Os Estados com menor proporção de residências com banheiro de uso exclusivo foram Acre (82,7%), Maranhão (83,6%) e Piauí (85,8%).